

Perfil geolinguístico dos ditongos /ej/ e /ou/ no falar amapaense**Geolinguistic profile of diphthongs /ej/ and /ou/ in the speaking amapaense**Romário Sanches¹
Rosilene Gonçalves²**Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar o perfil geolinguístico dos ditongos /ej/ e /ou/ no falar amapaense. O trabalho tem como aporte teórico as discussões da Dialectologia e Geolinguística (CARDOSO, 2010; 2016). A metodologia da pesquisa conta com uma amostra de dados fonéticos pertencentes ao *corpus* do Projeto *Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)*. Para isto, foram selecionados 40 informantes estratificados de acordo o sexo (homem e mulher), a faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 75 anos) e o espaço geográfico, isto é, 10 municípios do Amapá: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. Os itens fonéticos selecionados para análise do ditongo /ej/ foram: *prateleira, travesseiro, torneira, peneira, manteiga, teia, peixe, bandeira, correio, companheiro, meia e beijar*. Já para o ditongo /ou/ foram: *tesoura e ouvido*. A partir da análise dos dados, concluímos que para o ditongo /ej/, no falar de amapaenses, houve 58% de presença da manutenção da semivogal [j] e 42% de ausência desta semivogal. No que tange à realização do ditongo /ou/, obtivemos 42% de presença e 58% de ausência da semivogal [w].

Palavras-chave: Dialectologia. Variação fonética. Ditongos. ALAP

Abstract

The purpose of this article is to present the geolinguistic profile of diphthongs /ej/ and /ou/ in Amapá speaking. The work has as theoretical support the discussions of Dialectology and Geolinguistic (CARDOSO, 2010; 2016). The research methodology has a sample of phonetic data belonging to the corpus of the Atlas Linguistic Project of Amapá (ALAP). For this, 40 stratified informants were selected according to sex (man and woman), age group (18 to 30 years and 50 to 75 years) and geographic space, that is, 10 cities in Amapá: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene and Oiapoque. The phonetic items selected for analysis of the diphthong /ej/ were: *prateleira, travesseiro, torneira, peneira, manteiga, teia, peixe, bandeira, correio, companheiro, meia and beijar*. As for diphthong /ou/ were: *tesoura and ouvido*. From the analysis of the data, it was concluded that for the diphthong /ej/, speaking of amapaenses, there was 58% of presence of the maintenance of the semivowel [j] and 42% of absence of this semivowel. Regarding the realization of the diphthong /ou/, 42% presence and 58% absence of the semivowel were obtained [w].

Keywords: Dialectology. Phonetic variation. Diphthongs. ALAP

Recebido: 26/09/2021

Aceito: 21/12/2021

¹ Professor da Universidade do Estado do Amapá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>

² Graduanda do Curso de Licenciatura de Letras-Espanhol, da Universidade do Estado do Amapá - UEAP

1 Introdução

Quando falamos em estudos linguísticos no Amapá observamos que o volume de trabalhos é relativamente baixo em relação a outros estados brasileiros. Porém, esses estudos vêm crescendo, principalmente depois da publicação do *Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)*, em 2017, conforme aponta Sanches (2021). Com isso, temos disponibilizado um banco de dados linguísticos, organizado e sistematizado, facilitando o desenvolvimento de novos estudos, além de possibilitar o aprofundamento sobre a realidade linguística amapaense. O ALAP, em sua versão impressa, apresenta a descrição e o mapeamento linguístico do português falado no Amapá, contudo, esses dados ainda necessitam de análise linguística.

Diante dessa necessidade, propusemo-nos a analisar as cartas fonéticas F08 e F10, que tratam dos ditongos /ej/ e /ou/, respectivamente. O objetivo é mostrar o perfil geolinguístico desses fenômenos no falar amapaense, buscando compreender a variação diatópica, diasssexual e diageracional.

O artigo está organizado em seis seções: 1) introdução; 2) sociolinguística, dialetologia e geolinguística; 3) os ditongos no português brasileiro; 4) metodologia da pesquisa; 5) apresentação e discussão dos resultados; e 6) considerações finais.

2 Sociolinguística, dialetologia e geolinguística

Nesta seção será apresentada uma síntese sobre as ciências que nos permitem entender a língua para além de sua estrutura interna, abrangendo os contextos extralinguísticos. Tratam-se da Sociolinguística, da Dialetologia e da Geolinguística que estudam a diversidade de uso da língua, de forma contextualizada e sistematizada, permitindo, assim, descrever e registrar as variações linguísticas de uma língua.

Para Tarallo (2007), a Sociolinguística inicia de fato com os trabalhos de William Labov. Labov foi quem persistiu na relação língua e sociedade, como também na possibilidade de sistematização da variação da língua falada. Tarallo (2007) esclarece que Labov não foi o primeiro sociolinguista e que havia outros estudiosos da área da linguagem o antecederam e o inspiraram para a criação da teoria da variação linguística. Segundo o autor, o modelo de análise proposto por Labov apresentava-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo e estruturalista.

Para Labov (2008), a língua tem relação intrínseca com o meio social, por isso ela está em constante transformação, dada pelos fatores intralinguísticos e ou extralinguísticos. Nesse sentido, a Sociolinguística busca compreender a língua pelo contexto social do falante, pois, é no meio social que as variantes coexistem em seu campo natural de batalha (TARALLO, 2007). Assim, a relação entre língua e sociedade é necessária para a pesquisa de cunho sociolinguístico, haja vista que os fatores sociais como idade, sexo, escolaridade, entre outros, podem configurar variantes linguísticas.

Em consonância com o pensamento de Tarallo (2007), Cavaliere (2014) afirma que “o foco da análise laboviana, que também se pode atribuir a Weinreich, é a variação de uso

da língua no contexto social e as implicações que essa variação projeta no percurso da mudança da língua”.

Seguindo a mesma perspectiva de investigação da Sociolinguística, encontra-se a Dialetoлогия, que também se ocupa em analisar a diversidade de uso da língua, entretanto, cada uma tem uma maneira particular no tratamento do seu objeto de estudo. Cardoso (2010) explica que a Dialetoлогия, além do aspecto geográfico da variação, incorporou também em seu escopo as variáveis extralinguísticas.

Dessa forma, idade, gênero, escolaridade, e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2010, p. 25).

Segundo Sanches (2020), a Dialetoлогия, atualmente, pode ser definida como uma ciência geral que estuda a variação das línguas/dialetos em seus diferentes níveis.

Se antes a Dialetoлогия se preocupava apenas com a variação linguística espacial (geográfica), atualmente, ela é concebida como ciência geral da variação por contemplar, além da variável geográfica, variáveis sociais como idade, sexo, escolaridade, etc. Essas novas dimensões passaram a fazer parte do escopo da Dialetoлогия em decorrência das contribuições teórico-metodológicas da Sociolinguística (SANCHES, 2020, p. 11).

De forma positiva para as pesquisas dialetológicas, no final do século XIX, firmou-se, assim, a Geografia Linguística como método por excelência da Dialetoлогия que ficou responsável por auxiliar na recolha dos dados linguísticos de forma sistemática em diferentes espaços geográficos (CARDOSO, 2016, p. 2). Desta forma, tem-se uma ciência com grande capacidade metodológica, seja pelo campo de observação, seja pelo desenvolvimento de trabalhos mais acurados.

Cardoso (2016) explica que houve uma nova configuração investigativa dos estudos dialetais que foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos, assim, “o enfoque que essas variedades linguísticas recebem e o tratamento a que são submetidas apresentam uma roupagem nova, diferenciada e revestida de atualidade” (CARDOSO, 2016, p. 10). A partir desta nova roupagem, os estudos sobre a linguagem ganharam novos moldes, tendo assim, o controle de forma mais sistemática:

[...] de variáveis sociais e de suas implicações no comportamento linguístico dos usuários de toda e qualquer língua tem sido feito com rigor na atualidade, sobretudo depois que Labov (1983, 1994) estabelece princípios que regem essas relações, encontra os veios do comprometimento recíproco — língua e sociedade — e submete à precisão do tratamento numérico os processos responsáveis por tais relações. A Dialetoлогия e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social (CARDOSO, 2016, p. 10-11).

Seguindo essa perspectiva de interface entre Sociolinguística e Dialetologia, Cardoso (2016) afirma que a Geolinguística no Brasil vem procurando agregar novas dimensões ao fator diatópico, em busca de dados de natureza sociolinguística que permitirão uma “fotografia” mais completa da realidade do português brasileiro.

3 Os ditongos no português brasileiro

Os ditongos são fenômenos fonéticos bastante explorados em pesquisas linguísticas. Há inúmeras pesquisas que buscam traçar o perfil fonético-fonológico dos ditongos no português falado no Brasil. Focalizaremos alguns desses trabalhos para efeito de comparação aos nossos resultados, e assim, entender melhor se o perfil dos ditongos /ej/ e /ou/, no contexto amapaense, segue a mesma tendência de uso das demais regiões brasileiras.

Para Seara, Nunes e Lazzaroto-Volcão (2011), o Português Brasileiro - PB apresenta formação de ditongo quando há encontro de dois segmentos vocálicos que são formados:

[...] pelas vogais altas anterior [i] e posterior [u]. Quando essas vogais ocupam as posições periféricas da sílaba são chamadas de semivogais e apresentam menor proeminência acentual se comparadas às vogais que acompanham. Nesse caso, são representadas respectivamente pelos símbolos fonéticos [j] e [w] (SEARA; NUNES; LAZZAROTO-VOLCÃO, 2011, p. 42).

Os autores explicam que pode haver duas possibilidades de sequência em uma mesma sílaba. A primeira é constituída por vogal + semivogal, integrando o grupo dos ditongos decrescentes, consideradas inseparáveis, pois a terminação neste contexto é por uma vogal com menor intensidade. Já a segunda, tem-se a semivogal + vogal, compondo o grupo dos ditongos crescentes, visto que a terminação se dá por uma vogal com maior intensidade, neste caso pode acontecer de dois seguimentos constituírem sílabas separadas.

Bisol (1989; 1994) também considera duas possibilidades de realização dos ditongos, os verdadeiros (crescentes), considerado como um grupo invariável, como nos vocábulos *reitor* e *pauta*. A autora explica que pelo fato dos ditongos verdadeiros (crescentes) serem compostos por duas vogais, ou seja, estando ligados a dois elementos V's, não há possibilidades de variação fonética. Enquanto os ditongos falsos (decrescentes), como em *peixe* e *caixa*, são vocábulos que podem passar a monotongos. Segundo Bisol (1989; 1994), os ditongos falsos estão ligados a um único elemento V. Sua formação acontece com uma vogal apenas, por isso são suscetíveis à variação fonética.

A seguir, apresentaremos estudos que traçam o perfil fonético-fonológico dos ditongos em contexto nacional. Para isto, fizemos uma breve síntese de quatro pesquisas: Farias (2008), Leão (2013), Aragão (2014) e Araújo, Pereira e Cysne (2019).

Farias (2008) investiga o ditongo /ej/ falado em 8 municípios do estado do Pará: Altamira, Almerim, Belém, Bragança, Jacareacanga, Marabá, Óbidos e Soure. A partir de uma amostra do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, a autora selecionou 40 informantes, 8 para a capital Belém e 4 para as demais localidades. A estratificação dos informantes se deu de acordo com as seguintes variáveis: (homens e mulheres), faixa etária

(I -18 a 30 anos e II – 50 a 65 anos), escolaridade (Ensino Fundamental e Superior completo) e a localidade.

Os resultados de Farias (2008) mostram que 58% dos informantes apagaram a semivogal /j/ e 42% mantiveram o ditongo. Sobre as variáveis extralinguísticas consideradas na pesquisa, no fator sexo, os homens tendem a favorecer a forma monotongada com 59%, enquanto as mulheres aparecem com 56% de monotongação. Na faixa etária, os jovens tendem a usar a forma monotongada com 59% e os mais velhos com 57%. Ao contrário das variáveis sexo e faixa etária que tiveram o percentual próximo ao ponto neutro, a escolaridade foi considerada relevante, tendo os informantes com o ensino fundamental como favorecedores a forma monotongada com 62%, em contrapartida estão os informantes com ensino superior com 46% de realização de ditongos.

Dentre as localidades selecionadas para pesquisa, Farias (2008) apresenta os resultados de quatro municípios paraenses: Belém; Bragança, Jacareacanga e Soure. Os dados aparecem mais expressivos na forma monotongada nas cidades de Bragança e Soure com 76% e 63%, respectivamente. Em seguida, temos Jacareacanga com 58% e Soure com 48%. Dessa forma, os fatores mais relevantes para a formação do ditongo no estado do Pará foram: escolaridade (ensino fundamental) e a localidade (Bragança e Soure).

O trabalho de Leão (2013) apresenta um estudo sobre a redução dos ditongos /aj/, /ej/ e /ou/, utilizando as falas de apresentadores, repórteres e entrevistados dos telejornais de cinco regiões do Brasil: Amazonas (Norte), Bahia (Nordeste), São Paulo (Sudeste), Rio Grande do Sul (Sul) e Distrito Federal (Centro-Oeste). O objetivo do estudo foi traçar um quadro geral sobre a redução dos ditongos no Brasil. A autora concluiu que houve redução do fenômeno em todas as regiões. Nos dados gerais, os ditongos estudados caracterizam-se da seguinte forma: em primeiro lugar ficou o Nordeste com 86% de redução do ditongo; o Centro-Oeste em segundo lugar com 67%; o Norte ocupou o terceiro lugar com 65%; o Sul ficou em quarto lugar com 62%; e o Sudeste em último com 50%.

Outro estudo importante é o de Aragão (2014) que analisa a ditongação e monotongação em 25 capitais brasileiras, em suas respectivas regiões, a saber: Região Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco); Nordeste (Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Teresina, São Luiz, Natal e Fortaleza); Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia); Sudeste (Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória); e Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), utilizando os dados do Projeto ALiB. A autora investigou dados de fala de 200 informantes e chegou aos seguintes resultados: tanto para a ditongação como para a monotongação, os fatores diatópicos (localidade) e diastráticos (faixa etária e sexo) não foram produtivos. O fator escolaridade teve pouca relevância, em contrapartida, o registro de fala coloquial, informal, foi determinante nos dois casos (ditongação e monotongação). Assim, a autora confirmou que o fenômeno de ditongação e da monotongação no falar das capitais brasileiras não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente linguístico, fonético por excelência.

Por último, o estudo de Araújo, Pereira e Cysne (2019) busca analisar a monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de fortaleza, a partir de um recorte dos dados do Projeto *Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)*, com uma amostra composta por 54 informantes estratificados por sexo (homens e mulheres), escolaridade (0-4 anos, 5-8 anos e 9-11 anos) e faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais). A pesquisa mostrou que, em um total de 1.491 dados, 68% das ocorrências favoreceram a monotongação, enquanto 32% deles mantiveram o ditongo. Sobre as variáveis linguísticas, os autores concluíram que classes de palavras, extensão do vocábulo e

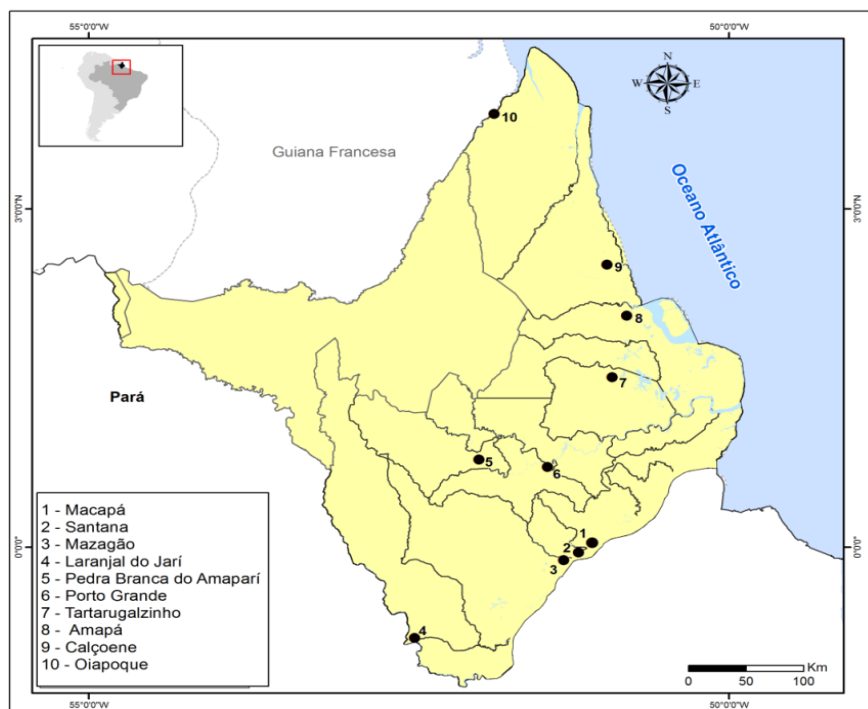
a tonicidade da sílaba favoreceram a monotongação de /ej/. Em relação às variáveis extralinguísticas, a escolaridade foi o fator condicionante para monotongação de /ej/, pois os informantes de 0-4 anos de estudo tendem o uso da forma monotongada, apresentando porcentagem de 72,6% de frequência.

É importante destacar que os estudos supracitados consideraram não só fatores extralinguísticos como também fatores internos à língua (posição da sílaba, contexto, tonicidade, entre outros).

4 Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa seguiu os parâmetros do *Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)*³, para isto, foram selecionados 10 municípios do estado do Amapá (Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari, Pedra Branca, Porto grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque), conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Rede de pontos do ALAP



Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p. 53), adaptado por Sanches (2019).

Os informantes selecionados foram estratificados da seguinte maneira: sexo/gênero (masculino e feminino) e a faixa etária (18-30 anos e 50-75 anos), sendo 4

³ Para mais informações sobre a produção do ALAP, verificar a obra Razky, Ribeiro e Sanches (2017).

informantes por localidade, totalizando 40. Vale ressaltar que os informantes residem na área urbana das cidades investigadas.

Para descrição e análise dos ditongos no português falado no Amapá, foram selecionadas duas cartas fonéticas do ALAP, a carta F08, que trata da presença e ausência do ditongo /ej/, e a carta F10, que trata da presença e ausência do ditongo /ou/ no falar amapaense. A análise do ditongo /ej/ consiste na investigação dos seguintes vocábulos: *prateleira, travesseiro, torneira, peneira, manteiga, teia, peixe, bandeira, correio, companheiro, meia e beijar*. A partir destes itens, foram registradas no total de 311 ocorrências de presença e 229 ocorrências de ausência do ditongo /ej/. Já para o ditongo /ou/ têm-se os vocábulos *tesoura e ouvido*, em que foram registradas no total de 33 ocorrências de presença e 45 ocorrências de ausência do referido ditongo.

5 Apresentação e discussão dos resultados

Diferentemente dos trabalhos apresentados na seção 2, que exploram fatores internos e externos à língua que motivam a realização de ditongos e monotongos, este estudo busca analisar e descrever apenas os fatores extralinguísticos como a localidade, idade e sexo dos informantes.

A análise a seguir diz respeito à variação diatópica (localidade) e social (idade e sexo) dos ditongos /ej/ e /ou/ no falar amapaense. Destacamos que o ALAP traz em seu volume impresso apenas o mapeamento dos fenômenos linguísticos, a obra não contém análise linguística dos dados, por isso, esta pesquisa se faz importante para descrição do português falado no Amapá, na intenção de complementar essas lacunas.

Em um primeiro momento, analisaremos a carta fonética F08, mostrando a descrição dos resultados para realização do ditongo /ej/ em cada localidade selecionada para pesquisa, levando em consideração os fatores idade e sexo dos informantes. Em um segundo momento, analisaremos a carta fonética F10, descrevendo o ditongo /ou/ de forma diatópica e sua influência em relação às variáveis idade e sexo dos informantes, seguindo a mesma dinâmica de análise do ditongo /ej/.

Tabela 1: Ocorrência por localidade ditongo /ej/

Localidades	Presença		Ausência	
	Ocor.	%	Ocor.	%
01 - Macapá	29	55%	24	45%
02 - Santana	37	68%	17	32%
03- Mazagão	34	68%	16	32%
04 - Laranjal do Jari	26	47%	29	53%
05 - Pedra Branca	36	63%	21	37%
06 - Porto Grande	35	66%	18	34%
07 - Tartarugalzinho	37	77%	11	23%
08 - Amapá	34	40%	32	60%
09 - Calçoene	21	53%	30	47%
10 - Oiapoque	22	42%	31	58%

Fonte: Elaboração dos autores.

A Tabela 1 expõe a presença e a ausência do ditongo /ej/ conforme a frequência por localidade, assim temos o ponto 01 (Macapá) com 55% de presença e 45% de ausência. O ponto 02 (Santana) obteve 69% de presença e 31% de ausência. O ponto 03 (Mazagão)

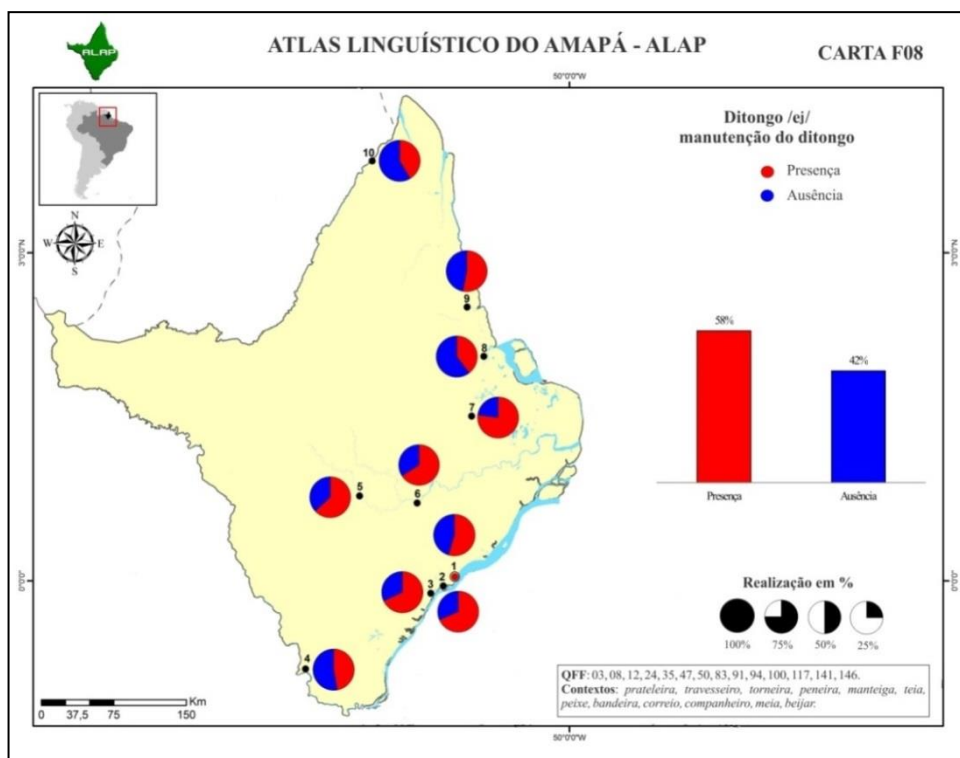
obteve 68% de presença e 32% de ausência. O ponto 04 (Laranja do Jari) obteve 47% de presença e 53% de ausência. O ponto 05 (Pedra Branca do Amapari) obteve 63% de presença e 37% de ausência. O ponto 06 (Porto Grande) obteve 66% de presença e 34% de ausência. O ponto 07 (Tartarugalzinho) obteve 77% de presença e 23% de ausência. O ponto 08 (Amapá) obteve 40% de presença e 60% de ausência. O ponto 09 (Calçoene) obteve 53% de presença e 47% de ausência e o ponto 10 (Oiapoque) com 42% de presença e 58% de ausência.

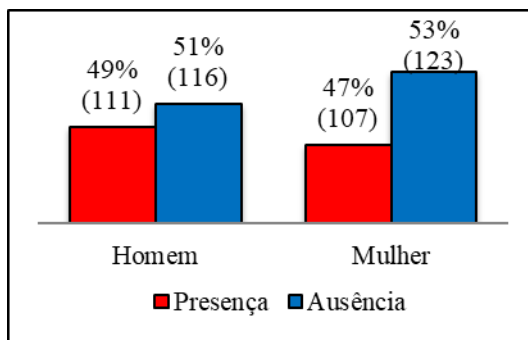
Figura 2: Carta Fonética F08 manutenção do ditongo /ej/.
 Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p.63), alterada pelos autores.

Conforme o gráfico apresentado na Figura 02 acima, a variação diatópica do ditongo /ej/ apresenta-se de modo geral com 58% de presença e 42% de ausência. Observamos ainda, que não houve nenhuma localidade com 100% de presença do fenômeno, porém, os resultados demonstram que o fenômeno se apresenta em todas as localidades de forma significativa, com disparidade entre as porcentagens, configurando, assim, nos pontos 01 (Macapá), 02 (Santana), 03 (Mazagão), 05 (Pedra Branca do Amapari), 06 (Porto Grande), 07 (Tartarugalzinho) e 09 (Calçoene) a predominância do ditongo /ej/ no falar amapaense, ou seja, os informantes tendem a realizar pratele[j]ra em vez de pratele[Ø]ra, pe[j]xe em vez de pe[Ø]xe etc. Já os pontos 04 (Laranja do Jari), 08 (Amapá) e 10 (Oiapoque), notamos a predominância da ausência do ditongo /ej/

Em relação às variáveis sociais consideradas para pesquisa, idade e sexo, procuramos compreender se esses fatores influenciaram nos resultados. O gráfico abaixo ilustra os dados de acordo com o sexo (homem e mulher) dos informantes:

Gráfico 1: Variação social: sexo

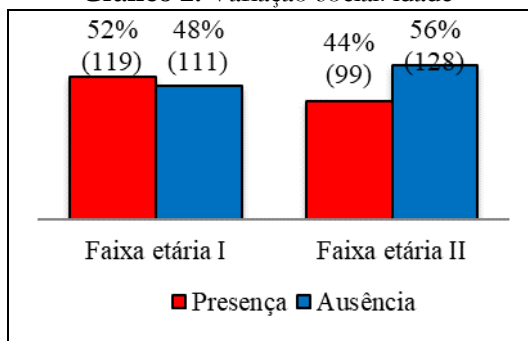




Fonte: Elaboração dos autores.

Conforme o Gráfico 1, há 49% de presença e 51% de ausência entre os homens, e 47% de presença e 53% de ausência entre as mulheres. Isso mostra que a variável social sexo não é relevante, pois apresenta uma diferença de apenas 2% entre homens e mulheres.

Gráfico 2: Variação social: idade



Fonte: Elaboração dos autores.

Sobre a variável idade, o Gráfico 2 mostra que há 52% de presença e 48% de ausência na faixa etária I (18 a 30 anos), e 44% de presença e 56% de ausência na faixa etária II (50 a 75 anos). Notamos que a diferença foi de 8% entre as faixas etárias. Portanto, podemos inferir que os informantes da faixa II tendem a apagar o ditongo /ej/, enquanto que os da faixa etária I tendem a manter mais o referido ditongo. No entanto, é necessário um número maior de dados para confirmar se é uma tendência de uso expressiva na fala desse grupo de informantes.

Sobre o ditongo /ou/, foi analisada a carta fonética F10, a qual descreve a variação diatópica do referido ditongo em cada localidade selecionada para pesquisa.

Tabela 2: Ocorrências por localidade ditongo /ou/.

Localidades	Presença		Ausência	
	Ocor.	%	Ocor.	%
01- Macapá	7	87%	1	13%
02 - Santana	6	75%	2	25%
03-Mazagão	2	50%	2	50%
04 - Laranjal do Jari	2	25%	6	75%
05 - Pedra Branca do Amapari	7	64%	4	36%
06 - Porto Grande	1	12%	7	88%
07 -Tartarugalzinho	4	57%	3	43%

08 - Amapá	0	25%	8	75%
09 - Calçoene	2	-	6	100%
10 - Oiapoque	2	25%	6	75%

Fonte: Elaboração dos autores.

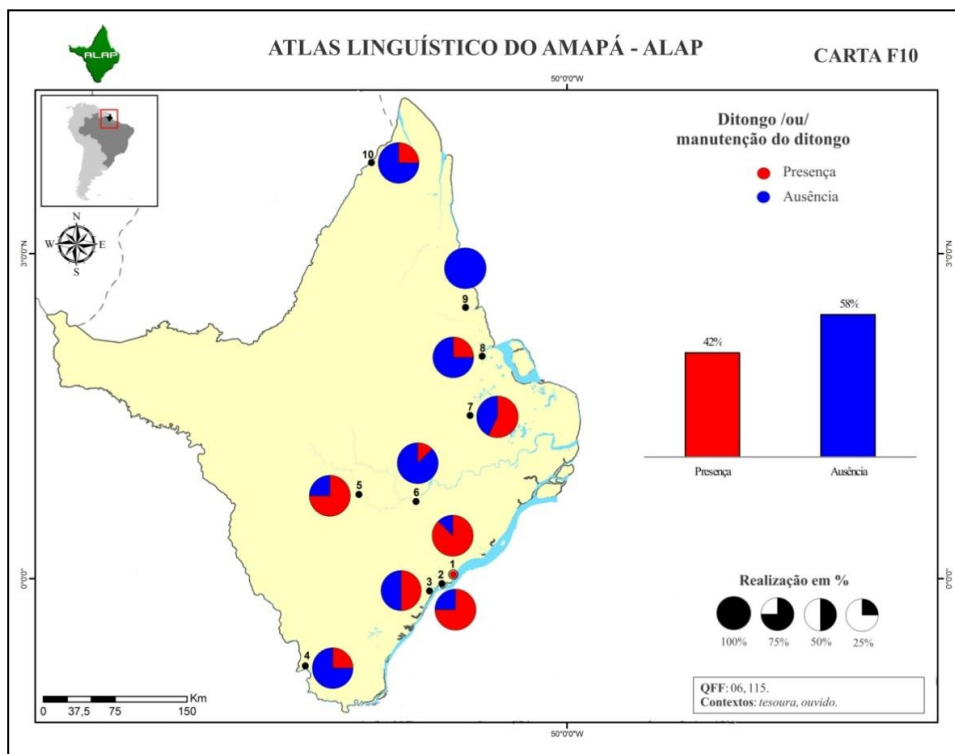
Os dados expostos na Tabela 02 mostram a frequência de presença e de ausência do ditongo /ou/, conforme a localidade. Deste modo, o ponto 01 (Macapá) obteve 87% de presença e 13% de ausência. O ponto 02 (Santana) com 75% de presença e 25% de ausência. O ponto 03 (Mazagão) com 50% de presença e 50% de ausência. Já nos pontos 04 (Laranjal do Jari), 08 (Amapá) e 10 (Oiapoque) o fenômeno ocorreu com 25% de presença e 75% de ausência. O ponto 05 (Pedra Branca do Amapari) ocorreu com 64% de presença e 36% de ausência. O ponto 06 (Porto Grande) com 12% de presença e 88% de ausência e no ponto 07 (Tartarugalzinho) com 57% de presença e 43% de ausência.

Figura 3: Carta fonética F10 manutenção do ditongo /ou/.

Fonte: Razky, Ribeiro e Sanches (2017, p.65), alterada pelos autores.

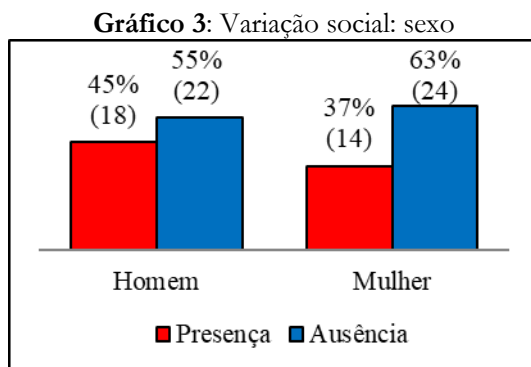
Conforme o gráfico da Figura 03, a variação diatópica configura-se como resultado geral com 42% de presença e 58% de ausência do ditongo /ou/. De maneira específica, os pontos 01 (Macapá), 02 (Santana), 05 (Pedra Branca do Amapari) e 07 (Tartarugalzinho) marcam uma predominância para o uso do ditongo /ou/. Por sua vez, os pontos 04 (Laranjal do Jari), 06 (Porto Grande), 08 (Amapá) e 10 (Oiapoque) marcam uma predominância para ausência do uso do ditongo /ou/. Isso mostra que em algumas localidades os informantes tendem a apagar mais a semivogal [w], passando de teso[w]ra para teso[Ø]ra e de o[u]vido para o[Ø]vido.

Diferentemente do ditongo/ej/, aqui os dados não estão equiparados, a exemplo disso temos o ponto 08 (Calçoene) que se destacou com 100% de ausência do fenômeno, e



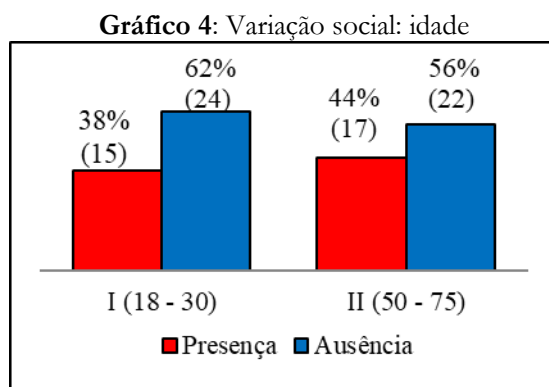
o ponto 06 (Porto Grande) que também se destacou por apresentar 88% de ausência. Isso mostra que algumas localidades o fenômeno se apresenta de forma mais expressiva que em outras, ou seja, a variação diatópica tende a influenciar na realização do ditongo /ou/.

No que diz respeito à variável social idade e sexo, considerada nesta amostra, seguem os gráficos 3 e 4:



Fonte: Elaboração pelos autores.

Como se pode notar no Gráfico 3, há 45% de presença e 55% de ausência do ditongo /ou/ na fala dos homens e 37% de presença e 63% de ausência na fala das mulheres. Notamos, então, que a variável sexo se apresenta de forma parcialmente relevante nos resultados do fenômeno com diferença de 8% entre homens e mulheres.



Fonte: Elaboração pelo autores.

Quanto à variável social idade, o Gráfico 4 mostra que houve 38% de presença e 62% de ausência do ditongo /ou/ na fala dos informantes da faixa etária I (18 – 30 anos), e 44% de presença e 56% de ausência na fala dos informantes da faixa etária II (50 – 75 anos). Assim, como a variável sexo, a idade também é um fator parcialmente significativo apresentando 6% de diferença entre as faixa etárias. Dessa forma, os dados mostram que a presença do ditongo /ou/ ocorreu com maior frequência na fala de homens da faixa etária II, já a ausência aparece com maior índice na fala de mulheres da faixa etária I.

6 Considerações finais

Os estudos de Farias (2008), Leão (2013), Aragão (2014) e Araújo, Pereira e Cysne (2019) mostram que os ditongos no português brasileiro seguem uma tendência geral de redução, passando de ditongos para monotongos. E que os fatores linguísticos internos tendem a influenciar mais essa redução do que os fatores extralinguísticos, que tem se mostrado estável em boa parte das pesquisas realizadas, exceto a variável escolaridade que se mostra relevante tanto para o apagamento como para a manutenção dos ditongos.

Sobre os dados do *Atlas Linguístico do Amapá*, especificamente o ditongo /ej/, os resultados gerais mostram a manutenção do referido fenômeno, apresentando 58% de presença e 42% de ausência. Quanto às variáveis extralinguísticas, a variação diatópica não se configura um fator determinante para definir o perfil (manutenção ou apagamento) do ditongo /ej/ em contexto amapaense, pois não houve grandes diferenças nos dados, entre os pontos pesquisados, as porcentagens se apresentam em sua maioria uniforme, destacando-se apenas em alguns pontos que obtiveram maior presença (Tartarugalzinho 77%, Santana 69% e Mazagão 68%) e em outros que obtiveram maior porcentagem de ausência (Amapá 60% e Oiapoque 58%). A variável sexo não foi determinante para configurar a presença ou ausência do fenômeno. Já a variável faixa etária se mostrou parcialmente relevante, uma vez que as mulheres da faixa etária II tendem ao apagamento do ditongo /ej/.

Diferentemente do ditongo /ej/, os dados gerais do ditongo /ou/ no fala amapaense mostram 42% de presença e 58% ausência, constatando, assim, o apagamento da semivogal [w]. No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, a variação diatópica se configura expressiva, visto que, em algumas localidades os dados apresentam porcentagens significativas de ausência do fenômeno como no ponto 08 (Calçoene) com 100% e no ponto 06 (Porto Grande) com 88%, já a presença do ditongo /ou/ apresenta-se de forma expressiva nos pontos 01 (Macapá) com 87%, 02 (Santana) e 03 (Porto Grande) com 75% de frequência. Em relação à variável sexo, esta parece ser um fator relevante no que tange à ausência do ditongo /ou/, uma vez que as mulheres apresentaram maior índice do que os homens. A variável idade também se mostrou relevante, sendo que a maior porcentagem de ausência ocorreu na fala de informantes da faixa etária I. Dessa forma, a presença do ditongo /ou/ ocorreu com maior frequência na fala de homens da faixa etária II e ausência desse ditongo ocorreu com maior índice na fala de mulheres da faixa etária I.

Assim, podemos concluir que o ditongo /ej/, numa perspectiva geolinguística, no português falado no Amapá, não segue a mesma tendência de redução constatada nos trabalhos elencados aqui, sobre o português brasileiro. Por outro lado, o ditongo /ou/ segue o mesmo perfil das demais localidades brasileiras investigadas, que é a de redução dos ditongos para formação de monotongo.

Por fim, este trabalho ainda precisa de uma análise mais refinada e aprimorada, em que poderão ser analisados os vocábulos separadamente, tendo em vista a influência do contexto interno dos itens fonéticos estudados. Esperamos em breve poder coletar mais dados e analisar os fatores internos à língua, utilizando teorias fonológicas disponíveis, além de tratar estaticamente os dados com o auxílio de programas computacionais especializados.

Referências

Leitura, Maceió, n. 71, set./dez. 2021 – ISSN 2317-9945
Estudos Linguísticos e Literários p. 32-44

- ARAGÃO, M. do S. S. de. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. *In: Anais do XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina* (ALFAL), João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014. p. 01-13.
- ARAÚJO, A. A. de. PEREIRA, M. L. de. S. CYSNE, M. R. P. A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza: um estudo variacionista. **Revista de letras norte@mentos**. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 12, n. 29, p. 34-53, jul./dez. 2019.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** v. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.** v.5, n. 2, p. 185- 224, 1989.
- CARDOSO, S. A. M. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n.2, p. 1 – 16. 2016.
- CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CAVALIERE, R. Vertentes da Sociolinguística no Brasil. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 4, n. 12, p. 612 – 624. 2014.
- FARIAS, M. A. R. de. **Distribuição geosociolinguística do ditongo <ej> no português falado no estado do Pará**. 2008. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2008.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEÃO, T. M. R. **Falares regionais: Panorama da redução de ditongos decrescentes no Brasil**. Monografia (Graduação). 2013. 33f. Universidade de Brasília. Curso de Graduação em Letras, 2013.
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.
- SANCHES, R. Estudos geolinguísticos no Amapá. *In: II Encontro Regional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa*, 2020, Arcoverde. **Anais do II ERELIP**. Arcoverde: AESA, 2020. v. 1. p. 11-19.
- SANCHES, R. Variação fonético-fonológica no Amapá uma proposta de análise geossociolinguística. **MOARA**, v. 4, p. 150-164, 2019.
- SANCHES, R. Variação linguística no Português falado no Amapá. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2021.
- SEARA, I.C. NUNES, V.G. LAZZAROTTO-VOLCÃO. C. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro: 2º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.